

A expressão plástica vivida por professores em formação: o papel das narrativas na resignificação das experiências

Lúcia Grave Magueta, Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, NIDE – Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação

RESUMO

Neste artigo analisam-se narrativas escritas por professores em início de formação sobre as suas experiências escolares com a expressão plástica. A recolha de dados foi realizada junto de estudantes de um curso da formação inicial de professores no momento em que iniciavam uma unidade curricular no âmbito da didática das expressões. O estudo efetuado teve como objetivo o confronto entre os seus conhecimentos didáticos sobre as práticas com a expressão plástica e a realidade vivenciada pelos mesmos, enquanto alunos nos primeiros anos de escolaridade.

Os resultados evidenciaram que, para os professores em formação, as memórias da expressão plástica vivida enquanto alunos se traduzem em «experiências positivas» e «experiências negativas». O debate em torno das narrativas produzidas permitiu resignificar as experiências relatadas, mobilizando e construindo novos conhecimentos sobre metodologia da expressão plástica. Palavras-chave: expressão plástica; formação de professores; narrativas

ABSTRACT

In this article we analyze narratives written by teachers in initial training about their school experiences with plastic expression. The data collection was carried out with students in a course of teacher training at the time they initiated a curricular unit about the teaching of artistic expressions. The conducted study aimed the confrontation between their didactic knowledge about artistic expression and the reality experienced by them, while students in the early years of schooling.

The results showed that, for teachers in training, the memories of artistic expression are ‘positive experiences’ and ‘negative experiences’. The discussion around the narratives produced allowed reframe the experiences by mobilizing and building new knowledge about methodology of artistic expression.

Keywords: plastic expression (art); initial teacher training; narratives

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo incide sobre a utilização de narrativas enquanto experiência educativa no contexto da formação de professores. Nas ações de investigação que desenvolvemos, procurámos perceber que conhecimentos didáticos sobre a prática da expressão plástica emergem quando futuros professores recordam experiências vividas enquanto alunos dos primeiros anos de escolaridade. Para tal, efetuámos uma recolha de dados junto de estudantes do curso de licenciatura em Educação Básica da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, futuros professores de crianças nos primeiros anos (0-12), no momento em que iniciavam uma unidade de formação no âmbito da didática das expressões. Esta recolha de dados consistiu na produção de narrativas e constituiu-se, também, como forma de avaliação diagnóstica, essencial para delinear um processo de formação sobre metodologias de ensino nas áreas artísticas. O acervo de dados, materializado em narrativas, permitiu que a formação que se desenvolveu posteriormente surgisse contextualizada, pois cada nova abordagem tinha pontos de contacto com experiências relatadas e debatidas.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Para contextualizar teoricamente o presente estudo, iremos referir-nos à «produção de narrativas como experiência de formação» e à «expressão plástica enquanto experiência educativa».

2.1. A produção de narrativas como experiência de formação

A utilização de narrativas enquanto instrumento de pesquisa sobre o desenvolvimento profissional de professores tem sido utilizada por autores diversos (Passos & Galvão, 2011; Megid & Fiorentini, 2011; Oliveira, 2011; entre outros).

As narrativas, no contexto das práticas educativas, são relatos de acontecimentos ou experiências que ocorrem num determinado tempo – passado, presente ou futuro – sendo relativos à experiência escolar ou profissional ocorrida na escola, sala de aula ou grupo de trabalho. O professor ou o estudante são os autores, os narradores e os protagonistas principais das situações relatadas (Megid & Fiorentini, 2010). Luwisch (2002) sugere que na análise de narrativas os dados sejam tratados de uma forma inteiramente pragmática, analisados por temas comuns, imagens, enredos, etc., com o objetivo de se identificarem ideias gerais ou de se clarificarem conceitos através das narrativas recolhidas.

Ser professor exige a construção de um modo pessoal de ensinar com base na compreensão dos conteúdos, no uso dos recursos, na seleção das estratégias e no conhecimento dos alunos, que acontece de forma gradual. A este respeito, Oliveira (2011, p.241) refere que «não se trata de um conhecimento pronto que deva ser assimilado pelo futuro professor, mas construído por ele ou ela ao longo da vida». Para esta autora, a narrativa «como recurso formativo funciona como sincronizador pessoal, na medida em que possibilita ao professor ou futuro professor sincronizar essas experiências formadoras que estão em tempos e espaços diferentes atribuindo um sentido, uma unidade». No debate sobre as experiências narradas, os professores em formação analisam e criticam metodologias, identificando-se com algumas e rejeitando outras. Nestes momentos de contraposição, propõem modos de atuação do professor, estratégias, experiências de aprendizagem, acontecendo a resignificação das experiências vividas, sendo agora estas experiências «lidas» à luz dos conhecimentos didáticos em construção.

2.2. A expressão plástica enquanto experiência educativa

Procuraremos em seguida clarificar o conceito de “expressão plástica” salientando o seu valor enquanto experiência educativa e perspetivando algumas formas de concretização. Assim sendo, de acordo com Sousa (2003a, p.159), o termo “expressão plástica” utiliza-se para designar o «modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos». O desenho, a pintura, a modelação e as construções são alguns meios de expressão plástica em que se podem utilizar materiais diversificados. A expressão plástica não se centra na produção de obras de arte, mas sim, na expressão de emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos (Sousa, 2003). A “plástica” é uma linguagem, uma forma de expressão que tem uma gramática visual mediante a qual podemos expressar-nos e comunicar com os outros. Esta gramática visual é formada pelo “alfabeto visual” – composto pelo ponto, a linha, a superfície, a cor, a textura, o volume e a forma – que são as “letras” que podemos combinar para nos expressarmos. É também formada pela “sintaxe visual” – que tem em conta a medida, a proporção, o agrupamento, a estrutura, a direção, o movimento, o ritmo, o equilíbrio, a simetria, a assimetria, a harmonia e o contraste – que são as formas que temos para poder combinar as “letras” do alfabeto visual (Civit & Colell, 2004). O uso da linguagem plástica permite gerar a aquisição de novos conhecimentos, desenvolver a sensibilidade e a criatividade, enriquecer a capacidade de comunicação e expressão e ampliar a forma de ver, entender e interpretar o mundo. A sua importância enquanto experiência educativa tem sido salientada por autores diversos como Luquet (1969), Lowenfeld (1977), Gonçalves (1991), Rodrigues (2002), Sousa (2003), entre outros.

No que diz respeito a formas de concretização do conceito de “expressão plástica” em contextos de educação, salientamos o que afirma Munari (1987, p.124), «o indivíduo na infância não deve ser sufocado por imposições, constringido em esquemas que não são os seus, obrigado a copiar modelos». Os professores devem contribuir para que as crianças alarguem os seus conhecimentos e, por isso, devem apresentar-lhes diferentes técnicas, instrumentos e materiais, através de jogos que estimulem a sua criatividade. Deste modo, as crianças podem «aprender algo de novo, dominar técnicas novas e compreender as regras da linguagem visual» (p.125). Também Almeida (2001), Sousa (2003a; 2003b) e Santos (2006) salientam estes aspetos, reforçando que importa desenvolver a espontaneidade e a liberdade de expressão, logo, a criança deve poder escolher livremente os seus temas, pois ela «fá-lo naturalmente, visto que o tema está sempre nela (são as suas aspirações e preocupações predominantes), exprimindo-o ludicamente, ao agrado da sua própria imaginação» (Gonçalves, 1991, p.12).

Para Sousa (2003a) as técnicas e os materiais de expressão plástica estão associados ao desenvolvimento da criança, ou seja, à medida que «as suas experiências se enriquecem, ela vai tendo cada vez maior necessidade de variedade de técnicas e de materiais para se expressar convenientemente» (p.183). Cabe aos professores selecionar as técnicas e os materiais que melhor se ajustem à situação das crianças. Fazendo uma súpula de sugestões referidas por diversos autores (Rodrigues, 2002; Sousa, 2003a; Santos, 2006), indicamos algumas técnicas e materiais de expressão plástica que os professores podem selecionar e adequar à situação das crianças:

- para o desenho e pintura, os materiais mais adequados são: os lápis de grafite, as tintas (guaches, têmperas), as aguarelas, os lápis de cera, os lápis de cor, os marcadores e o pastel seco;
- o papel a utilizar como suporte para o desenho e pintura deve ser de dimensões, espessuras, texturas e cores variadas;
- para a modelação, poder-se-ão utilizar a plasticina, o barro, a pasta de papel e a massa de farinha;
- para as construções, a diversidade de materiais inclui o papel, os tecidos, os pedaços de madeira, plástico e metal (que podem provir do reaproveitamento de embalagens e objetos) e ainda “materiais naturais” como pedras, conchas, folhas de árvore, entre outros. Às construções estão associadas diversas técnicas que desenvolvem as destrezas, tais como dobrar, torcer, cortar, atar, colar, coser, agrafar, entre outras ações;
- o recorte e as colagens utilizando diferentes materiais são também técnicas que estimulam a expressão e a criatividade.

Paralelamente a estas sugestões, os autores mencionados identificam uma grande diversidade de formas de utilização dos diferentes materiais, explicitando os procedimentos a seguir. Destas descrições ressalta a ideia de que introduzir frequentemente materiais novos favorece a descoberta e exploração de novas formas de expressão e criação.

Para além dos trabalhos individuais, devem também ser promovidos os trabalhos coletivos. A planificação do trabalho, a construção de consensos e a distribuição de tarefas entre os membros do grupo contribui para que a criança se torne «um ser responsável, cooperante e interventivo no meio em que se insere» (Gonçalves, 1991, p.13).

Consideramos, na linha de contributos teóricos como os de Pimentel (2010) e Duncum (2010), que as práticas devem incluir o uso das tecnologias contemporâneas, explorando aquilo em que estas podem contribuir para a criação plástica e a construção de conhecimento. Referimo-nos, por exemplo, ao acesso a informação sobre processos e procedimentos de produção artística e sobre modos de criação de diferentes povos e culturas, facilitando assim o reconhecimento da diversidade cultural.

Para Santos (2006), trabalhar as artes na escola significa abordar a arte como «construção do conhecimento, proporcionando à criança os meios para a realização de experiências no fazer artístico, na apreciação da obra de arte e na reflexão sobre o seu produto» (p.8). O desenvolvimento da imaginação, da expressão e da sensibilidade ocorre a partir do conhecimento que a criança tem sobre o que faz (fazer artístico), o que percebe (obra de arte) e do que pensa e sente (reflexão). Assim, privilegiar abordagens que permitam a aproximação às obras artísticas e ao seu processo de criação, deve ser uma preocupação dos professores. Observar, fruir, analisar e emitir opiniões sobre a obra de arte permite «descodificar as diferentes linguagens, criando oportunidade à compreensão do sentido e dos significados que permeiam o mundo simbólico das imagens visuais» (Santos, 2006, p.8). Este processo permite a apropriação da «gramática visual» necessária para ler, compreender e produzir imagens (Duncum, 2010).

3. METODOLOGIA

Neste estudo, de carácter descritivo e qualitativo, seguimos uma metodologia de estudo de caso e, não sendo conhecida bibliografia que tenha focado especificamente os temas abordados, assumimos o seu carácter exploratório.

As ações que desenvolvemos foram orientadas pela questão «*Que conhecimentos didáticos sobre expressão plástica emergem quando os futuros professores recordam experiências vividas enquanto alunos?*».

A recolha de dados efetuou-se junto de estudantes do curso de licenciatura em Educação Básica, futuros professores, em momentos iniciais da unidade curricular de Didática das Expressões, parte integrante do plano de estudos do curso. Esta recolha teve lugar no ano letivo 2014/2015 tendo envolvido uma amostra de 22 estudantes que responderam à seguinte proposta: «*Produza uma narrativa a partir da sua experiência com a expressão plástica enquanto estudante, resgatando memórias em relação a momentos do ensino e aprendizagem*». Esta formulação teve como referência os estudos de Passos (2011) por, à semelhança dos mesmos, envolver professores em início de formação.

Na análise ao conteúdo das narrativas, fez-se «a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação» (Berelson, 1952, cit. Por Vala, 1986, p.103), seguindo os procedimentos propostos por Bardin (2000, p.120), nomeadamente, formando categorias, através da «passagem de dados brutos a dados organizados».

4. SÍNTESE DE RESULTADOS

A análise ao conteúdo das narrativas produzidas pelos estudantes permitiu-nos identificar as categorias *Experiências positivas* e *Experiências negativas*.

4.1. As Experiências positivas

Nas diferentes narrativas verificou-se que eram evidenciadas como experiências positivas as que proporcionavam: o contacto com novos materiais e técnicas; a possibilidade de decidir sobre o processo criativo e expressivo; e o envolvimento pessoal perante a experiência e resultados obtidos. Apresenta-se no Quadro 1 os registos que se enquadram nesta categoria e respetivas subcategorias.

Quadro 1 – Registos relativos à categoria «Experiências positivas»

Categoria «Experiências positivas»
Subcategoria « Experiências que proporcionavam contacto com novos materiais e técnicas»
«Esta atividade destacou-se de todas as outras»
«Tive várias experiências com vários materiais»
«Éramos nós próprios a fazer a plasticina com que mais tarde trabalhávamos»
«Trabalhámos com os materiais tradicionais da terra onde vivia e fizemos cestos»
«Lembro-me de usar folhas de árvore em colagens e fazer carimbos de batata (ainda hoje uso esta técnica para decorar papel de embrulho)»
«Houve uma experiência que me marcou: usar estanho para personalizar uma caixa»
«Recordo-me ter feito uma tecelagem num tear de cartão»
Subcategoria «Experiências que proporcionavam a possibilidade de decidir sobre o processo criativo e expressivo»
«Escolhi fazer as letras do meu nome em pasta de modelar e adorei»
«Compreendi que não é preciso saber desenhar bem para nos podermos exprimir e lançar as nossas ideias para o papel»
«Eu escolhia sempre desenhar os meus desenhos animados favoritos»
«Adorava fazer papéis recortados e que fiquei especialista nesta técnica»
Subcategoria «Envolvimento pessoal perante a experiência e resultados obtidos»

«Foi um trabalho que me cativou muito»
«Deu-me muito gosto realizar este trabalho»
«Tenho saudades de trabalhar com esse tipo de materiais»
«Recordo-me com carinho do momento em que comecei a picotar, aos 5 anos»
«Acho que tive sorte por ter tido tantas atividades de expressão plástica»
«Lembro-me de ficar contente com o resultado final e de querer fazer mais»
«O dia em que tinha expressão plástica era o meu dia de aulas preferido»

4.2. As Experiências negativas

Foram também narradas experiências que se traduziam como «Experiências negativas». As conceções pessoais sobre a expressão plástica e os aspetos da atuação do(a) professor(a) determinaram que as experiências recordadas fossem sentidas como negativas. Apresenta-se no Quadro 2 os registos que se enquadram nesta categoria e respetivas subcategorias.

Quadro 2 – Registos relativos à categoria «Experiências negativas»

Categoria «Experiências negativas»
Subcategoria «Conceções pessoais sobre a expressão plástica»
«Sempre detestei educação visual, pois tínhamos de trabalhar com régua e esquadro»
«A minha experiência com a expressão plástica nunca foi boa»
«Pensava sempre que não ia conseguir fazer os trabalhos»
«Nunca fui boa a desenhar nem a pintar»
«Sempre tive algumas dificuldades em me exprimir»
«Alguns trabalhos que me solicitavam corriam mal e isso deixava-me desanimada»
«Nunca me sentia capaz de responder ao que era pedido»
«Eu ficava com medo sempre que tinha de desenhar»
«Não tenho recordações marcantes, porque nunca me interessei pelas expressões»
Subcategoria «Aspetos da atuação do(a) professor(a)»
«A professora criticava sempre os meus trabalhos»
«Eu vou ser diferente da professora que tive»
«Não saíamos da rotina. Usávamos sempre os mesmos materiais»
«Era cansativo fazer alguns trabalhos»
«Quando a professora estava ao pé de mim, eu parava logo de desenhar».
«Ela corrigia tudo o que eu fazia»
«Quase não fazíamos expressão plástica»
«Fazíamos um desenho na folha da cópia, se houvesse espaço»
«Hoje, que conheço o Programa do 1.º Ciclo, penso que fiz poucas coisas na Primária»

4.3. *Ressignificação das experiências*

Em vários momentos do desenvolvimento da unidade curricular se debateu o conteúdo das narrativas e o seu significado. De igual modo, também se debatiam as formas como devia o professor intervir, gerir e conduzir as atividades de expressão plástica. Destes momentos de contraposição das experiências vividas com os conhecimentos didáticos em construção, surgiram as respostas para a questão de investigação que orientou este estudo de caso. Assim sendo, os conhecimentos didáticos sobre expressão plástica que emergiram quando os futuros professores recordaram experiências vividas enquanto alunos foram:

- a diversificação de estratégias de ensino – foi reconhecida a importância de: proporcionar às crianças diferentes experiências com meios, técnicas e materiais; realizar visitas de estudo que proporcionassem o contacto com artistas e obras; abordar conteúdos levando os alunos a pensar, compreender e a usar os novos conhecimentos nas suas produções plásticas; proporcionar experiências de observação em diversos tipos de espaço (sala de aula, recreio, parque, rua); proporcionar atividades que associam a expressão plástica ao uso das TIC (o uso do computador, máquina fotográfica, entre outros equipamentos; a utilização da internet para consultar sítios de artistas e de museus, pesquisar imagens e realizar trabalhos artísticos digitais);
- a seleção de experiências tendo como referência os documentos curriculares, contemplando assim a amplitude de experiências de aprendizagem que se preveem para cada contexto de escolaridade; situar a expressão plástica numa dimensão de integração com outras áreas do currículo, particularmente em ligação com outras linguagens artísticas;
- a seleção de experiências que se adequem ao momento de desenvolvimento em que se encontram as crianças e que situem a expressão plástica em abordagens contextualizadas, com crescente grau de complexidade, em que as aprendizagens cumulativas sejam requeridas;
- a seleção de experiências que permitam aos alunos observar e refletir sobre a realidade, desenvolvendo a sua autonomia e pensamento crítico e que constituam «desafios» para os quais devem criar soluções individuais e únicas;
- a preparação das condições necessárias e adequadas à realização de atividades de expressão plástica: prever os materiais didáticos e de desgaste necessários, prever espaços de trabalho adequados ao número de crianças e tipo de atividade;
- a criação de um clima de aula favorável à espontaneidade, onde o professor elogia e estimula o esforço criativo e expressivo e possibilita a experimentação, valorizando a ação vivida pela criança;
- a avaliação das aprendizagens contemplando diversas dimensões do processo criativo e expressivo: acompanhar atentamente os alunos no seu processo de criação; analisar os trabalhos realizados; refletir com os alunos sobre as experiências vivenciadas; organizar de forma ordenada os trabalhos, de modo a perceber a evolução do desempenho dos alunos.

CONCLUSÃO

Neste processo alcançou-se um objetivo fundamental da formação: desenvolver a capacidade de reflexão dos futuros professores sobre o valor pedagógico das experiências com a expressão plástica. Com este estudo, verificámos que, indubitavelmente, as narrativas contribuíram para a formação dos futuros professores sobre metodologias da expressão plástica, pois as suas experiências foram recordadas e resignificadas. Em síntese, destacamos os principais contributos:

- identificação de tipos de práticas que são facilitadoras e de outras que, pelo contrário, são inibidoras da expressão através da linguagem plástica;
- identificação de diferentes modos de atuação do professor face a especificidades das experiências com a expressão plástica;
- compreensão da importância da diversificação de estratégias de ensino no âmbito da expressão plástica.

Em suma, a produção das narrativas e o debate em torno das mesmas constituiu-se como uma experiência de formação onde ocorreu a mobilização de conhecimentos e a construção de novas aprendizagens sobre metodologia da expressão plástica.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, C.M.C. (2001). Concepções e práticas artísticas na escola, In Ferreira, S. (org.) *O Ensino das Artes. Construindo Caminhos* (pp.11-37). São Paulo: Papirus Editora.
- Bardin, L. (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Civit, L. & Colell, S. (2004). EducArt: intervenció educative y Expressió Plástica. *Educación Social*, 28, 99-118.
- Duncum, P. (2010). Seven principles for visual culture education. *Art Education*, 63(1), 6-10.
- Gonçalves, E. (1991). *A criança descobre a arte*. Amadora: Raiz Editora.
- Lowenfeld, V. (1977). *A criança e a sua arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Luquet, G.H. (1979). *O desenho infantil*. Porto: Livraria Civilização Editora.
- Luwisch, F. E. (2002). O ensino e a identidade narrativa. *Revista de Educação*, Lisboa, 2(11), 1-12.
- Megid, M.A. & Fiorentini, D. (2011). Formação docente a partir de narrativas de aprendizagem. *Interacções*, 18(7), 178-203.
- Munari, B. (1987). *Fantasia, Invenção, Criatividade e Imaginação na Comunicação Visual*. Lisboa: Edições 70.
- Oliveira, R. M. (2011). Narrativas de formação: Aspectos da trajetória como estudante e experiências de estágio. *Interacções*, 18(7), 229-245.
- Passos, C. (2011). As narrativas como potencializadoras no movimento de ensinar, aprender e formar-se. *Interacções*, 18(7), 1-9.
- Passos, C. & Galvão, C. (2011). Narrativas de formação: investigações matemáticas na formação e atuação de professores. *Interacções*, 18(7), 76-103.
- Pimentel, L. G. (2010). Educação artística. Construção de conhecimento e tecnologias. In Eça, T., Pardiñas, M. Et al (orgs.) *Desafios da educação artística em contextos iberoamericanos* (pp.87-97). Porto: Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual.
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da Arte, a arte da infância*. Porto: Edições ASA.
- Santos, S. M. P. (2006). *Educação, Arte e Jogo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Sousa, A. S. (2003a). *Educação pela arte e artes na educação – 3º Volume. Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. S. (2003b). *Educação pela arte e artes na educação – 1º Volume. Bases Psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In Madureira Pinto, J. & Santos Silva, A. (org.) *Metodologia das Ciências Sociais* (pp.121-128). Porto: Edições Afrontamento.